

Entrevista com Renée Jablkowski* e Miguel Leivi**

Entrevista concedida pelo psicanalista Miguel Leivi e pela psicóloga Renée Jablkowski em 24 de maio de 2013, na sala Santiago Wagner, à comissão editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Nazur Aragonéz de Vasconcellos, Vania Dalcin, Cátia Olivier Mello, Suzana Deppermann Fortes, Miguel Leivi, Renée Jablkowski, Tula Bisol Brum, Rosane Schermann Poziomczyk e Paulo Berél Sukiennik.



* Psicóloga (UBA). Presidente do Centro de Educação para a Participação (CEP).

** Médico (UBA). Psiquiatra e psicanalista. Membro titular em função didática da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA).

RP – *Costumamos realizar esta entrevista para conhecermos melhor nossos convidados. Assim, gostaríamos que nos contassem sobre sua trajetória pessoal e profissional, sua formação analítica e as principais influências (psicanalíticas e não psicanalíticas) que influíram em sua maneira de pensar.*

Renée – Formei-me em psicologia. Meus analistas, minha análise pessoal foram a minha principal formação. Sempre tive curiosidade sobre mim mesma, o trabalho de análise pessoal sempre foi intrigante para mim.

Depois de obter a licenciatura em psicologia, fiz formação em psicoterapia. Minha formação ocorreu basicamente no Hospital Araoz Alfaro Lanus, onde praticamente todos, professores e corpo clínico, são psicanalistas da APdeBA e da APA. Na Argentina, nesse momento, nós psicólogos não podíamos fazer terapia legalmente; nos contratavam como orientadores, no entanto fazíamos terapia. Mas, para preencher um vazio – durante a faculdade, os psicólogos não tinham pacientes a não ser para aplicarem uma bateria de testes – eu fazia praticamente o horário dos residentes no hospital. Comecei então pela terceira idade. Naquela época eu tinha 21 anos, e a terceira idade, 50. Iniciei, assim, a minha formação atendendo adultos maiores. Passei por todos os departamentos, mas um em especial me interessou: a psiquiatria comunitária. Assim, iniciei minha formação em psiquiatria comunitária.

Nunca deixei a clínica. Fiz formação em crianças, com uma psicanalista chamada Aurora Perez, durante uns 15 anos, de forma particular. Muito me influenciaram meus professores do Lanus, onde tínhamos uma variedade enorme de grupos de crianças e adolescentes. Eles não seguiam uma escola, não eram kleinianos, meltzerianos, lacanianos. Eram o que tinham dentro. Acredito que o que mais me serve hoje em dia é que não sou *rennesiana*, porque não tenho uma marca de fábrica *Renée*; me serve o que fui metabolizando, ao longo dos anos, dos diferentes autores, por isso não poderia dizer que um me marcou mais que o outro.

Miguel – Eu sou médico, me formei sempre em conflito com a medicina. Desde pequeno dizia que seria médico. Mas na faculdade comecei a me perguntar se era o que eu queria, se não deveria me voltar para a matemática ou a física. Acabei permanecendo na medicina e descobrindo a psicanálise no final da faculdade. Tinha passado por uma crise pessoal e fui me tratar. Assim, cheguei à psicanálise como paciente. Ao terminar a faculdade, disse para mim: “Como

médico, vou dedicar minha carreira a isto”. Apresentei-me a uma residência neste mesmo serviço de que Renée falava e aí nos conhecemos.

Era um serviço de psiquiatria muito conceituado na Argentina, um serviço modelo no qual a psicanálise tinha um lugar muito importante. Com posição política bastante comprometida, sofreu muito quando veio a ditadura. Houve gente que desapareceu, praticamente todos se dispersaram. Muitos amigos tiveram que sair do país e hoje vivem em São Paulo, no Rio, na Espanha, no México. A maioria não voltou.

Renée – Não nomeamos que este serviço pertencia ao Dr. Goldenberg e, graças a ele, as cabeças dos psicanalistas que integram hoje APdeBA e APA são bastante abertas, não se guiam por um só modelo ou um só pai. É triste dizer, mas o Dr. Goldenberg perdeu três filhos na ditadura e teve que mudar-se para a Venezuela.

Miguel – Quando terminei a residência, permaneci nesse serviço trabalhando no departamento de adolescentes. Eu gostava da adolescência e sigo gostando. Parece-me uma idade muito interessante, muito intensa na vida de qualquer pessoa. Creio que, para a sociedade de hoje em dia, a adolescência é a época mais representativa do problema de todos. Penso que isso condicionou muito minha maneira de entender inclusive a psicanálise e minha maneira de trabalhar com adolescentes, embora eu trabalhe com qualquer um, não importa a idade.

Quando o serviço se dissolveu, segui trabalhando. Não me questionava nesse momento se devia entrar em uma instituição psicanalítica. Havia apenas uma em Buenos Aires, a APA (a mais antiga, completou 70 anos no ano passado). Muita gente estava saindo da APA pela sua posição apolítica, pela sua falta de compromisso social. Eu me movia nesses círculos que também sofreram muito com a ditadura e fui ficando profissionalmente sozinho, ainda com pouca formação. Então pensei que devia ir para algum lugar. Já tinha sido criada a APdeBA e lá estavam meus amigos do hospital. Fiz então toda a minha formação na APdeBA e nela sigo até hoje. Nela tenho desenvolvido minha atividade profissional e institucional.

Neste momento me tocou ser presidente da APdeBA; é só uma circunstância. Também trabalhei na Sociedade de Pediatria com pediatras que atendem adolescentes. Nunca trabalhei com crianças pequenas. Junto com Renée, trabalhei bastante na Espanha também com pediatras, médicos de família, no conselho da juventude no País Basco, sempre no âmbito da juventude e da adolescência, já

não mais numa perspectiva psicanalítica. Mas nunca pude deixar de fora minha condição de psicanalista. Em qualquer lugar não posso prescindir da visão psicanalítica. Em relação aos autores, para mim o fundamental foi e segue sendo Freud. Quando escuto que quicá esteja superado, não posso entender isso.

Um autor que conheci mais tarde, que para mim é importante, é Lacan. Diria que a articulação entre Freud e Lacan é o setor principal no qual me movo. Na época em que comecei minha formação na Argentina, predominava Melanie Klein, mas nunca me conectei muito com a teoria e a técnica kleinianas. Sempre Freud me atraiu mais. Depois descobri Lacan, um autor complicado, de difícil acesso, mas enormemente interessante, o mais interessante depois de Freud. Este é mais ou menos meu campo teórico e a maneira com a qual desenvolvo meu trabalho clínico. Na APdeBA sou lacaniano junto com uns quantos. Fora da APdeBA sou, no ambiente lacaniano, um psicanalista da IPA como são todos.

RP – *Um bom lugar para se estar como estrangeiro...*

Miguel – Isso é muito oportuno, um psicanalista nunca deve perder seu lugar de estrangeiro. Acomodar-se a algo me parece perigoso. O lugar do psicanalista é na condição de estrangeiro. Existe um escritor argentino que não tem muita relação com a psicanálise, um cara inteligente. Nota-se que entende, mas não sei se ele se analisou. Certa vez deu uma conferência na APdeBA sobre literatura e psicanálise. O que pensava era que o psicanalista estava muito perto de um personagem da literatura do século XX, um detetive dos romances de Raymond Chandler. Esse detetive é um marginal, não se sabe se é policial ou delinquente. Mora sozinho, à margem da sociedade, não fora e, sim, na borda. O escritor dizia que o psicanalista se parece, nesse sentido, com o personagem do detetive. Não tanto com o detetive de Agatha Christie, Poirot, ou tipo Sherlock Holmes, mas com o detetive que se compromete sem nunca estar de todo dentro. Assim, me agrada esta ideia de ser estrangeiro.

Renée – Eu não concordo com este escritor – Ricardo Piglia – porque me parece que uma pessoa deve sempre tirar sua máscara e expor sua lógica; não pode não fazer isso no âmbito da consulta, da comunidade, onde estão as pessoas e a lógica das pessoas, porque sem isso não se pode ser detetive.

Mas voltando à pergunta que vocês me fizeram inicialmente, acredito que uma das pessoas decisivas na minha escolha profissional foi meu pai, que me mandou não ao divã, mas sim à psicologia. Meu pai foi ator, e eu quis ser atriz. Comecei a carreira de atriz, mas era *de madeira*, dura e envergonhada. Fascinava-

me o mundo dos personagens e, sobretudo, algo que sempre me impressionou: ser vulnerável. Sempre digo a Miguel: “Nunca a minha repressão primária vai se fechar, sempre a terei aberta”.

Como a vida é muito curta eu queria ser atriz para ter muitas vidas, mas era tão ruim no palco que meus professores nem mesmo me criticavam ou olhavam, e eu estava ali para que me olhassem. Creio que, impulsionada por meu pai, pensei então: “Bom, serei psicóloga”.

RP – *Gostaríamos que Renée nos contasse acerca da sua participação na ONU, do seu trabalho na área social.*

Renée – Acredito ser importante falar um pouco sobre como despertou em mim o interesse em trabalhar nessa área. Aconteceu aos 21 anos, no Lanuz, onde se abriu a área da psiquiatria comunitária. Trabalhar nessa área era ir às comunidades onde estavam fazendo um estudo epistemológico de saúde mental. Eu chegava para o padeiro e lhe dizia: “Faça esse teste”. O homem indagava: “O que é isto?”. Eu respondia: “É para sua saúde mental”. Assim eu ia conhecendo as pessoas através de uma coisa ridícula que era fazer um teste num pobre homem. Ia a essas comunidades e perdia o medo. Também me marcou a época em que trabalhava muito com crianças dependentes de drogas leves, cujos pais, assustados, as levavam ao consultório. Eu atendia quatro vezes por semana a criança e a família. Um dia disse para mim mesma: “Eu atendo esse menino porque tem dinheiro, mas o que acontece com as outras crianças?”. Gostaria de fazer algo mais comunitário e não ajudar somente um, dois ou cinco. Então comecei a trabalhar na Espanha. Enviei à instituição SPIRAL, situada no povoado chamado Peón, nas Astúrias – instituição que trabalhava com mulheres em busca de recuperar-se de suas adições – uma carta em que declarava meu interesse em conhecer suas experiências. Aqui eu trabalhava principalmente com configurações vinculares ligadas ao tema da droga. Comecei então minha experiência nessa instituição espanhola onde se baseavam muito na *Gestalt*.

Iniciei tímida, dizia: “Bom, além disso, poderíamos ver assuntos mais vinculares”. Como já estava *incorporada* pela psicanálise – o que Miguel referia antes – não me era mais possível olhar a realidade em branco e preto, mas sempre em cores ou tons de cinza. Começaram então a me oferecer trabalhos até que *atterrissei* em uma comunidade terapêutica de mulheres. Foi onde elaborei os indicadores de fatores de risco. Quando os tive diante de mim, pensei: “Mas é isso que nos ensinam”: temos pais autoritários, temos professores autoritários, que não nos ensinam a pensar criticamente, a avaliar o que recebemos, não temos

muita noção da consequência dos nossos atos. Enfim, uma série de indicadores de fatores de risco.

Nesse momento, na Argentina, havia uma ONG muito importante que se dedicava à prevenção da corrupção. Quem a liderava era, justamente, um fiscal adjunto do julgamento em curso dos ditadores. Então eu me disse: “A participação cidadã pode ser curativa”. Porque, através da participação, poder-ia-se incluir nas escolas esses fatores de risco que transformaríamos em algo a favor do pensamento crítico, acentuando a responsabilidade das próprias ações, não sendo autoritários, favorecendo o que Miguel recém comentou – que seus companheiros hoje são os mesmo de há 40 anos no Lanuz – favorecendo o sentimento de pertencer a um grupo, de experimentar um afeto e a responsabilidade de cuidar de alguém, construir laços genuínos.

A partir daí iniciei nessa ONG. Comecei a trabalhar mais em educação, em saúde e me dei conta que as oficinas eram boas. Em dado momento fiz contato com uma pessoa nas Nações Unidas para lhe pedir o auspício de uma oficina. Essa pessoa me sugeriu que eu organizasse uma ONG; foi então que surgiu o Centro de Educação para Participação no ano de 1993. Sugeriu, também, que eu me associasse às Nações Unidas, o que me traria um pouco de renome para poder me apresentar a prefeitos, ministros, que sempre acreditam mais em quem tem um aval superior, um nome, pois são 195 nações unidas.

A partir desse momento, começamos a trabalhar, pela ONG, em programas de educação para a participação que não são nem mais nem menos que programas de proteção e promoção de saúde, de prevenção. O trabalho que fazemos nas oficinas tem tudo a ver com instalar processos. Não é o mesmo que psicanalisar, mas sim fomentar, por exemplo, as evocações, repensar situações de repetição, enfim, uma série de assuntos que a psicanálise trabalha e que oferecemos em espaços onde se pode utilizar recursos da psicanálise.

RP – *A senhora está nos falando, então, da inserção do psicanalista na vida social. Isto remete à nossa terceira pergunta. Nos interessa lhe perguntar sobre a postura do psicanalista face à sociedade, principalmente pensando nas vulnerabilidades e resiliências. Qual deve ser a postura do psicanalista diante do primitivismo, da violência nos dias de hoje?*

Renée – Tivemos que desenhar um programa que se chama *Jovens pela não violência*. Havia uma sede da UNESCO na Argentina (por razões orçamentais desde 2007 funciona no Uruguai); é uma UNESCO para Uruguai e Argentina. Pediram que desenhássemos um programa que tratasse de prevenir a violência

nos jovens e diminuir a violência já instalada. O que primeiro fizemos foi nos perguntar o que acreditávamos que fomentava a violência juvenil. Imediatamente, quando pensamos em jovens, pensamos também em adultos. O mundo não é dos jovens, o mundo é dos jovens com os adultos e os maiores, os menores e as crianças. Estamos todos no mesmo ônibus/espago.

Saímos, pois, com a câmera de filmar e partimos do pressuposto de que a ferida narcísica de qualquer pessoa que sente que não tem lugar na sociedade traz violência. Fazíamos as perguntas: “O que é violência para ti?”, “O que tu gostarias de ser na vida?”, “Tu podes ser isso?”, “O que é que não te permite realizar teu sonho?” e assim sucessivamente. Perguntas a jovens de Montevideo e de uma comunidade a 30 km de Buenos Aires, cujas respostas continham os ideais de qualquer jovem ou qualquer adulto, ideais que não poderiam realizar. Como saíamos com uma câmera, íamos editando com imagens dos *Rolling Stones* – que tinham visitado a Argentina, uma jovem tendo se suicidado por amor por eles – com imagens da cúpula de presidentes que recriminavam Bush pela desordem e violência que gerara. E também a violência nos estádios, não só por jovens, a violência nas ruas por acidentes, por outras causas, ou ainda a violência nos professores.

Vê-se então claramente como a violência não é exclusividade dos jovens, está instalada onde quer que seja. Nossa leitura, voltando à pergunta, é que sempre há feridas narcísicas. A situação que se coloca é como acalmá-las. E aí entra a arte de como começar a prevenir as feridas ou a curá-las. Lembro que fazíamos uma oficina com professores, e uma professora dizia à outra: “Tu vais ver no ano que vem, quando os meninos do quarto ano, que têm músculos gigantes, te recebem com os pés em cima da mesa, com boné e não te olham”. No ano seguinte, os mesmos professores perguntaram sobre como estava sendo o ano e a professora advertida pela colega respondeu que entrara na sala, encontrara esse cenário e indagara a um aluno: “Esses músculos são todos teus?”. “Sim”, ele respondeu. E ela: “Quantas horas de musculação fazes por dia?”. Ou seja, a professora ficou amiga deles e eles reduziram a vaidade.

Outra experiência que tivemos foi com um jovem que roubava, um delinquente. Pensamos no seu potencial para agir assim e não ser pego. Como se poderia usar esse potencial a serviço de algo que lhe fizesse bem sem lhe devolver uma imagem de violência? Localizamos o jovem e lhe propusemos um trabalho de líder. E ele se recuperou. Há uma banda de *rock* na Argentina que tem uma música muito boa que indaga: “O que tu vê, o que tu vê quando me vê?”. Dependendo do que se vê, se pode recuperar e retroalimentar alguns aspectos

dessa máscara. Não é assim tão simples como estou dizendo, mas é uma maneira de nos acercamos ao assunto.

Miguel – Penso que é um assunto complexo a violência nos dias atuais. Inclino-me a concluir que a espécie humana é terrivelmente violenta. Se recorrermos à história, passaram-se coisas terríveis. Pensemos no século XX, o mais avançado e civilizado creio que conheceu os piores horrores da história. Por exemplo, em nosso âmbito, Argentina, Buenos Aires, parece que, na atualidade a violência, a insegurança têm crescido. Sempre tomo como referência o ano de 1973. Há 40 anos viemos de férias para o Brasil, Renée e eu. Tínhamos um carro e nos aconteceu de tudo nessa viagem. Chegando a Curitiba, um ônibus nos bateu. Renée tem parentes que moram em São Paulo e não os conhecia; fomos visitá-los e deixamos as nossas malas no carro na frente do apartamento. Roubaram tudo. O que quero dizer é que nessa época, em Buenos Aires, tu podias deixar um carro na rua com tuas malas, hoje não.

E isso quer dizer o quê? Que naquela ocasião a sociedade argentina era menos violenta que agora? Não, o ano de 73 foi terrível. Começaram os grupos paramilitares, a aliança anticomunista que saía a matar. Em 1976 foi o golpe militar, que fez desaparecerem 30 mil pessoas. Eram outras formas de violência. Hoje, para o bem ou para o mal, a violência se democratizou. Naquela época, podíamos dirigir em Buenos Aires com bastante tranquilidade, mas sabíamos que devíamos temer a polícia. Ocorria o contrário: a polícia não era em quem tínhamos que confiar, mas de quem tínhamos que nos cuidar.

Hoje em dia temos que nos cuidar de todo o mundo. Parece-me que a violência está mais descontrolada. O que pode ou deve dizer a psicanálise? Eu acredito que ela tem o dever de se envolver com a sociedade. Pensava nos escritos sociais de Freud que se deixam um pouco de lado, como se fossem psicanálise aplicada, mas não é. *O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar na civilização* são textos absolutamente centrais da psicanálise. Além de conterem posturas da psicanálise ou do criador da psicanálise, são centrais quanto aos problemas sociais e culturais de sua época. Parece-me que um dever da psicanálise é tomar posição ante os problemas do tempo em que vivemos. Se é mais ou menos violento do que em outras ocasiões eu não sei. Um historiador poderia dar uma opinião mais fundamentada que um psicanalista.

Um psicanalista vive sua época de uma forma em geral restrita. Sobretudo se sua tarefa fundamental é a de psicanalista, que é estar em seu consultório. Quantas pessoas ele vê nas consultas? Que setor social abarca? Quantas coisas enormes ficam por fora? Parece-me que a psicanálise tem um dever ético com a

sociedade, de se envolver, mas não para levar-lhe verdades reveladas. Eu creio que, em relação ao social e ao cultural, a psicanálise enfrenta dois problemas opostos. O mais habitual é pôr-se de lado: “Isso não é meu, eu me ocupo dos que vêm me ver, esses são os meus problemas”. O outro é sair a falar de tudo.

Como em Buenos Aires a psicanálise está muito incorporada à cultura popular, sempre que acontece algo, os jornais convocam um psicanalista para opinar sobre não importa o quê. Há psicanalistas que se prestam a isso e eu acredito que, por vezes, dizem bobagens a respeito de fenômenos sobre os quais a psicanálise possivelmente tem algo ou muito a dizer, mas que obedecem a dinâmicas de outra índole: fenômenos políticos, sociais, econômicos.

Parece-me que a violência que vivemos neste momento está feita de tudo isso. Creio que o melhor que a psicanálise pode fazer é articular-se, trabalhar com outras disciplinas, outros discursos e aportar o seu desde o ponto de vista conceitual e desde o ponto de vista da prática psicanalítica. A prática psicanalítica é fundamentalmente uma disciplina da escuta. Um psicanalista deveria especializar-se em escutar e trazer à problemática ou abordagem dos problemas sociais – dentre os quais eu acho que a violência nas formas atuais é quiçá o mais impactante – o que aí está em jogo. É algo com que a psicanálise poderia contribuir. Eu não proponho que se psicanalise a sociedade, mas que a psicanálise contribua, se relacione com outras disciplinas e com outros modos de abordagens dos problemas de nossa sociedade.

Em relação à violência de hoje (para tomar o título do trabalho de Freud *O mal-estar na civilização*), acredito serem manifestações dos atuais mal-estares da civilização, o mal-estar da subjetividade quanto às formas de organização cultural e social. Parece-me que a violência por vezes torna-se selvagem. E creio que, em grande medida, isso é expressão de organizações econômicas muito selvagens, que criam enormes diferenças sociais, as mantêm e as acentuam. Acredito que a psicanálise tem algo a dizer quanto a isso, mesmo que a solução a ultrapasse.

RP – *Que outras falências na sociedade poderiam estar gerando tanta violência e maldade?*

Renée – Receio ser como esses vendedores da rua que insistem em vender algum produto, mas me refiro à relação do sermos protagonistas, termos direitos, sabermos que temos direitos como seres humanos e exercermos esses direitos. Insisto porque a psicanálise tem muito a ver com isso. Enquanto Miguel falava da escuta psicanalítica, eu me lembrava de alguns dos programas que fizemos para trabalhar a violência com jovens. Quando nos pedem esse trabalho, pensamos em

jovens e adultos significativos: pais, professores, inclusive psiquiatras. Nosso programa é passarmos de espectadores a protagonistas da realidade, de que modo jogamos com os *excluídos*, fazemos algo para que apareçam, busquem um lugar fora e dentro, algo que os determine, que junte seu desejo com sua motivação para – na prisão, no roubo ou em outro lugar – sentirem que são pessoas. Lembrei-me deste programa porque houve um jovem que entrou em um supermercado para roubar e manteve como reféns 15 pessoas. Cercado, ele pediu a câmera – aos que o filmavam para a televisão – dizendo: “Por favor, chamem a minha mãe, chamem o meu amigo, vocês me veem?”. Era um ator; do jeito que lhe foi possível encontrou um lugar para se sentir protagonista. Bom, esse programa se chama *Cinema para participação: de expectadores a protagonistas da realidade*.

Uma vez fizemos algo muito interessante com este recurso de passar da imagem à representação e da representação à imagem. Conveniados com a prefeitura, fizemos em escolas uma oficina para diagnosticar quais os problemas dos jovens, o que viam como problema para eles. Surgiram a gravidez precoce, a droga e a violência. Montamos então um concurso e lhes propusemos que fossem roteiristas dos filmes que eles mesmos fariam, íamos ensiná-los a fazerem um filme.

Eles criaram roteiros excelentes; em um o pai da jovem grávida era o aluno traficante, outro papel ficou com um aluno violento. Fizemos o que chamamos de histórias cruzadas e lhes ensinamos como conduzir uma câmera, compor cenografia e vestuários. Disso resultou um filme de 40 minutos em que eles eram os maquiadores, os que vestiam os atores e os próprios atores. Depois passamos o filme no bairro de cada um com a presença dos pais.

Agora eram eles os protagonistas, não mais o traficante, o violento excluído. Por exemplo, durante a filmagem, com técnicas psicodramáticas, se ensaiavam diferentes modos de como uma criança de 15 anos avisava em sua casa que estava grávida. Sem maior sucesso, ela o comunicava à mãe, ao pai, à irmã enquanto os demais jovens assistiam. Eram todas cenas dialogadas em que se ia introjetando o conflito da menina até que aparecia uma solução. O público, como um todo, segundo o psicodrama indica, propunha maneiras de vincular-se até se encontrar a melhor. Depois se fez o filme e, com esse filme, esses meninos motivavam outros. Não temos estatísticas, nem formas de ver o quanto se reduziu a violência nessa comunidade. Mas sem dúvida alguma, nesses jovens, algo se instalou por terem participado do que o programa propunha: deviam cumprir horário fora do escolar, tinham a responsabilidade de cada uma das ações de um trabalho que durou dois anos.

RP – *Ter um papel, um lugar para ocupar, uma função.*

Renée – Claro, isto é salutar para ti e para os meninos muito mais.

RP – *Ao te ouvir, fiquei pensando que a maior falência no que concerne ao social é, justamente não haver um espaço onde todos tenham direito a se desenvolver.*

Renée – É como diz o Miguel, temos essa obrigação, eticamente, como psicanalistas. Mesmo que seja nos oferecermos para um espaço de conversas, com olhos para ver de onde vem a demanda. Quando os policiais da ditadura nos pediam algo, eu pensava “um policial está me pedindo algo”. Mas por trás desse policial existe um pai e esse pai pode não ser isso que eu, então, via como policial. Nosso trabalho, na verdade, é apaixonante, dentro e fora do consultório, embora exija estômago.

RP – *Pensando na questão da violência dos jovens, gostaríamos que comentassem sobre as especificidades na técnica com adolescentes neste momento.*

Miguel – Penso que um dos problemas da psicanálise, ao menos em nossas instituições, é que se tem colocado demasiada ênfase na técnica. As pessoas se têm identificado com certas normas técnicas. Parece-me que essa forma nunca ajudou os adolescentes. Os adolescentes não podem se moldar a uma técnica, exceto os mais doentes, mais submissos. Esses, sim, se sujeitam a qualquer coisa. Se lhes dizemos que devem vir três, quatro vezes por semana, eles concordam. Um adolescente menos submisso, dificilmente suporta isso.

A caricatura do psicanalista em seu consultório senta-se em silêncio e espera que o paciente fale. Um adolescente não tolera isso. Parece-me que, se alguém pretende trabalhar com adolescentes, tem que agir de outra maneira. Temos que sair a buscá-los, nos lembrarmos da nossa própria adolescência, termos certa flexibilidade. Conforme disse antes – não sei bem o que veio primeiro – o trabalho com adolescentes me condicionou a pensar a técnica em geral. Nesse sentido prefiro pensar o enquadre psicanalítico reduzido a sua mínima expressão: dá-se pela livre associação do paciente, a atenção flutuante do analista e a regra de abstinência. Não fazer juízo, não escutar por igual tudo o que se vê e não censurar.

A partir daí me sinto em liberdade para conduzir a técnica da maneira que penso ser mais adequada e mais adaptada a cada situação e a cada caso, trate-se de um adolescente, um adulto, um velho, em diferentes momentos. Eu não me

imagino em um trabalho com adolescentes de outra forma que não seja sair a buscá-los. Mesmo que venham me ver no consultório, tenho que ir atrás deles e falar com eles. Estou pensando em um pequeno paciente meu; amanhã faz 22 anos, mas parece menos. É um menino com mais dificuldades, que sempre está me perguntando coisas, sempre quer saber de mim, e eu lhe digo: “Não vou te contar nada de mim”. Sabe somente que meu clube de futebol é o *Racing*. Ele é do *River*. A verdade é que não me importa muito o futebol hoje em dia, mas trato de me informar um pouco porque sei que, quando esse paciente chega, vamos falar do *Racing*. Há uma semana *Racing* e *River* jogaram. O *River* ganhou do *Racing*, e eu já sabia que na próxima sessão ele falaria a respeito. Falo de futebol ou de outras coisas que me servem para sustentar uma conversação.

Antes de tudo devemos estabelecer um vínculo. Esta é outra maneira de ser estrangeiro, manter uma conversa, mas ao mesmo tempo escutar outra coisa. Repito que geralmente trabalho assim. Quanto à técnica, me conduzo baseada nesses princípios. Dentro disso me sinto em liberdade de me adequar ao que falta. E me parece que, com adolescentes, uma abordagem assim é absolutamente necessária.

Ontem eu lembrava os trabalhos iniciais sobre psicanálise da adolescência. Creio que o primeiro, ou um dos primeiros, é de Anna Freud, me parece que publicado no *International Journal* de 58. Anna Freud, refletindo o pensamento daquela época, diz: “É impossível trabalhar psicanaliticamente com um adolescente, seria como correr junto a um trem expresso”. Que quer dizer com isso? Que, se um adolescente é um trem expresso, o analista é alguém parado em um determinado lugar; o trem passa correndo. Acredito que de alguma maneira temos que conseguir seguir-lhe o ritmo. Parece-me, repito, que a imagem clássica do psicanalista aferrado a uma técnica muito estruturada é absolutamente impossível no trabalho com adolescentes.

Renée – E com adultos também.

Miguel – Parece-me que, também com os adultos atuais, se faz cada vez mais difícil, ou impossível, porque volto ao que falava antes: penso que os adultos de hoje em dia se parecem mais aos adolescentes. Tampouco os adultos aceitam algo muito regrado, muito rígido.

Renée – Mais do que se parecerem a adolescentes, insisto que cada um também é sujeito de direito. Tu podes me dizer que devo ter quatro sessões e eu te dizer que posso te pagar uma. Ou que agora é minha vez de viajar, porque o

trabalho das pessoas é diferente, pelo menos o dos pacientes. Se o enquadre não se adapta, digo que isso não vale só para os adolescentes.

Miguel – Mas eu me lembro, por exemplo, de uma das minhas primeiras pacientes. Era uma menina de 16 anos, que ia às sessões com o uniforme, saída diretamente do colégio. Lembro-me que lhe propus três sessões e ela aceitou, lhe propus o divã e a tratava de você [*usted*]. Hoje eu penso que estava totalmente louco, hoje não me ocorreria algo assim, mas naquela época era normal. Nós dizíamos como devia ser, e quem vinha consultar aceitava. Algo incorporado na cultura psicanalítica de então. Quem vinha para analisar-se sabia que se encontraria com isso. O que se propunha, ninguém questionava. Me parece que hoje em dia não é assim.

Renée – Me parece que não é só com a psicanálise. Outro dia encontrei um dos amores da minha vida, com todo o respeito, Caetano Veloso. Numa reportagem lhe perguntaram como começara com o canto e como fora a relação dele com os pais. Segundo ele, nunca *tuteou* seu pai, sempre o chamou de *senhor* e o que dizia o pai era palavra santa. Mas comentou: “... sempre me deixou fazer o que eu queria, se queria cantar, cantava”, com respeito e independência absoluta tanto com ele, Caetano, quanto com a irmã. O pai era o pai, o médico era o médico; tu nunca o questionarias; ele te receitava o antibiótico e tu tomavas. Hoje em dia tu pensas e tu lê. Por isso muitas coisas mudaram. Miguel usou a palavra democratização da violência. Também começamos a ser mais donos de nós e mais pensantes apesar de tudo.

Para voltar outra vez à psicanálise e ao social, lembrei de algo que fazíamos no País Basco. Tinham que elaborar a lei basca da juventude. Então nos pediram para percorrermos 210 municípios desse pequeno território. Alguns tinham 300 meninos, outros 500, mas isso nos deu a possibilidade de fazermos oficinas de reflexão com esses jovens, para se compor esse material com o resultado das oficinas – uma lei com participação em função de quatro eixos: saúde, educação, desenvolvimento e cultura. A verdade é que usávamos as ferramentas da psicanálise, pois as oficinas tinham a ideia de abrir espaço para estimular o diálogo. Eram protagonistas e usávamos isso. Quanto a nós, éramos superestrangeiros porque havia lugares e municípios muito nacionalistas, mas no conjunto era tudo tão internacional que eles chegavam com camisetas do Che Guevara sem saberem quem era o Che Guevara.

Miguel – É que, para os bascos, o Che Guevara era basco. Para voltar ao *estrangeiro*, nessa circunstância nossa condição de estrangeiro nos favorecia porque a sociedade basca é muito pequena e politizada, com frações muito divididas e muito confrontadas. Em vários aspectos a situação é bastante tensa. Pode ver-se pelo terrorismo. Porém vínhamos de fora, podíamos falar com todos porque não se esperava de nós que tivéssemos alguma posição a tomar. Claramente nossa posição de estrangeiro nos dava um lugar para dialogar.

RP – *A conversa está muito interessante, mas temos que finalizar devido aos compromissos de vocês. Queremos agradecer-lhes.*

Renée – Agradecemos a vocês também. Essas questões sempre nos ajudam a repensar esses temas.

Miguel – Eu também quero agradecer a vocês, à SPPA, ao convite e à possibilidade de um intercâmbio enriquecedor.

Recebido em 15/04/2014

Aceito em 07/05/2014

Tradução e transcrição de **Lunara Soares Pilecco**
Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Miguel Leivi

Azcuénaga 1051, PB, 1115

Buenos Aires – Argentina

e-mail: miguel_leivi@hotmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA